

LEITURA PRÉVIA

MÓDULO II

ENCONTRO 2



BRASIL E AMÉRICA LATINA

INTRODUÇÃO

A América Latina não é um continente, mas tem as dimensões necessárias. Fruto das colonizações portuguesa e espanhola, a região é uma das mais complexas e diversas do mundo. Sua abundância de riquezas naturais e humanas contrastam com alguns dos maiores índices de violência e uma desigualdade social persistente. Entendê-la não é tarefa simples. Para começar, é preciso olhar com cuidado para os processos que a formaram, para as relações forjadas entre os países e a tentativa de construir um espaço realmente comum a despeito de tantas divergências internas.



1 AMÉRICA LATINA: UMA UNIDADE COMPLEXA

As tentativas de criação de uma identidade latino-americana comum remontam às guerras de independência dos países sob domínio espanhol, liderados pelo caudilho Simón Bolívar. Esses empenhos não foram para frente, e nem sequer chegaram a ter qualquer êxito no Brasil - onde as cartas eram dadas pelo imperador, que optou por fortalecer a união nacional. Após as sucessivas independências pela América, a consciência de continente foi se desvanecendo, muito por conta dos rumos diferentes tomados por cada país.

A imigração europeia, por exemplo, foi um dos fatores que distanciou as nações: o alto número de imigrantes brancos na Argentina tornou este país completamente diferente da Bolívia, por exemplo, com população majoritariamente indígena ou descendente. Assim, a união da América Latina vem sendo construída por meio de acordos comerciais e de propostas de integração, muito mais do que uma ligação historicamente genuína.

- **POPULAÇÃO TOTAL:** 635 milhões
- **PETRÓLEO:** 330 bilhões de barris, em torno de 22% do total no mundo (1,4 trilhão).
- **ÁGUA:** 1/3 das reservas mundiais. Brasil lidera o ranking mundial (12% do total de reservas), seguido por Colômbia (terceiro lugar) e Peru (oitavo).
(fonte: Global Water Partnership)
- **BIODIVERSIDADE:** A Amazônia, que recobre nove países da América do Sul, é considerada a área mais biologicamente diversa do mundo.
(fonte: relatório PNUD 2010)
- Somente a América do Sul é responsável por 40% da biodiversidade do planeta. Já na América Central, que ocupa 0,5% da superfície terrestre, 50% das plantas não são encontradas em outro lugar do planeta, constituindo 10% da biodiversidade mundial.
(fonte: relatório PNUD 2010)
- Na América Latina, são 891 milhões de hectares de floresta, ou 22% do total mundial. As matas cobrem 49% do território
(fonte: FAO)
- Mais de 56 milhões de pessoas saíram da pobreza extrema na América Latina entre 2000 e 2012.
(PNUD 2014)
- 167 milhões de latino-americanos ainda vivem na pobreza. 71 milhões deles na indigência.
(2014, Banco Mundial)
- O número de trabalhadores informais é gigantesco, nada menos que quase a metade da força trabalhadora da região ou 130 milhões de pessoas. Apesar disso, a informalidade caiu significativamente, de 65% em 2000 para 47,7 % hoje **(OIT 2014)**.
- Os católicos, que representavam 92% da população na região em 1970, agora são 69%.
(Pew Research 2014)

1.1 POSIÇÃO DO BRASIL

O Brasil se consolidou há décadas na posição de liderança da América Latina. Pouco há a questionar: é o país mais rico, mais populoso, com maior território e mais bem relacionado internacionalmente.

Com o crescimento da relevância dos BRICS como bloco econômico, o Brasil passou a ser com frequência considerado como o destaque regional articulador de uma zona de influência entre os países em desenvolvimento. Além disso, seus crescentes investimentos em países da América Latina favoreceram a criação de laços intracontinentais, como o porto de Mariel, em Cuba, duas hidrelétricas no Equador, duas linhas de metrô em Caracas, na Venezuela, entre outras obras de grande porte.

POPULAÇÃO: 202 milhões (30% da América Latina)

PIB: US\$ 3,2 trilhões (1/3 da América Latina)

TERRITÓRIO: 8,5 milhões de km² (40% da América Latina)

EXPORTAÇÕES: US\$ 242 bilhões (22% da América Latina)

Apesar de termos sido reconhecidos como liderança, a situação do Brasil vem, pouco a pouco, se alterando em direção a uma multipolarização dentro do próprio continente. Parte disso se deve à recessão enfrentada pelo país nos últimos anos, que afetou diretamente os vizinhos: as importações da Argentina, por exemplo, caíram 47,9% em 2015. Outro exemplo é o Chile, que teve queda de 14,6% no comércio com o Brasil.

O BRASIL SEMPRE TEVE A POSIÇÃO QUE O [EX-PRESIDENTE DA BOLÍVIA] CARLOS MESA RESSALTOU, DE CONCILIADOR, NÃO DE PROPRIAMENTE DE QUEM IMPÕE. FOMOS PERDENDO ESPAÇO, NÃO QUEREMOS ASSUMIR POSIÇÃO. ENTÃO DE ALGUMA MANEIRA PERDEMOS NOSSA RELEVÂNCIA POLÍTICA NO CONTINENTE QUE ERA INCONTESTE.” -

FHC em entrevista no Valor Econômico, 2012. <http://goo.gl/nbwyv>

A política da boa vizinhança do Brasil parece ter ido além do esperado. É comum ver, em situações de disputa internacional, ou até em casos de ameaças graves aos direitos humanos, uma neutralidade inquietante na posição oficial do governo perante a comunidade internacional.

Nos casos da Coreia do Norte e do Irã, países em que a partir de 2009 vem sendo votadas, na ONU, resoluções sobre violação de direitos humanos, o Brasil prefere se abster. A mesma postura é notada nos casos dos conflitos na Ucrânia, Síria e Venezuela. A interpretação é de que o país não quer se indispor com nenhuma das nações, para não afetar parceiros, mas a passividade e falta de posicionamento também são vistos com olhos negativos.

Dados: <http://goo.gl/6lYlwn>

A NOVA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA

A gestão do atual ministro das Relações Exteriores, José Serra, representa uma mudança significativa no que vinha sendo conduzido até então na política externa brasileira. Até o momento, a atuação do ministro indica menor foco nos países vizinhos, com fortes críticas ao Mercosul, pronunciadas enquanto ainda ocupava o cargo de senador. As respostas duras do Itamaraty aos questionamentos sobre a legalidade do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff aderem ao sentido do que foi anunciado pelo novo ministro em seu discurso de posse: a diplomacia serviria “à nação” e não mais no que ele considera “interesses ideológicos de um partido”. Diferentemente da política dos governos anteriores, que privilegiaram a proximidade a governos latino-americanos alinhados, a nova política deve favorecer outros acordos de caráter mais bilateral.

Fonte: <http://goo.gl/HY6Tym>
<http://goo.gl/hnpCrU>

1.2

BLOCOS REGIONAIS

O QUE É A UNASUL

A União de Nações Sul-Americanas surgiu com a assinatura do Tratado Constitutivo da Unasul, em 23 de maio de 2008, e é constituída pelos doze países da América do Sul: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela. Trata-se de uma organização intergovernamental que busca avançar na integração dos países-membros, integrando cooperação nos segmentos econômico, político, social, científico e de infraestrutura.

Uma de suas iniciativas principais foi a criação do Conselho de Defesa Sul-Americano, que é responsável por criar políticas de defesa conjunta, com participação nas operações de paz da ONU e com ações coordenadas em zonas de desastres naturais e de conflito.

OS LÍDERES QUE FIRMARAM:

Luis Inácio Lula da Silva (Brasil),
Cristina Kirchner (Argentina),
Evo Morales (Bolívia),
Michelle Bachelet (Chile),
Álvaro Uribe (Colômbia),
Rafael Correa (Equador),
Bharrat Jagdeo (Guiana),
Nicanor Duarte (Paraguai),
Alan García (Peru),
Ronald Venetiaan (Suriname),
Rodolfo Nin Novoa (Uruguai),
Hugo Chávez (Venezuela).

O QUE É O MERCOSUL

O Mercado Comum do Sul foi estabelecido com a assinatura do Tratado de Assunção, em 26 de março de 1991, por Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. Originalmente fundado como uma zona de livre-comércio e circulação, o bloco econômico tomou o primeiro passo em direção à condição de união aduaneira em 1995, com a adoção da Tarifa Externa Comum no comércio com outros países.

Os líderes que firmaram o Tratado de Assunção em 1991: Fernando Collor (Brasil), Andrés Rodríguez Pedrotti (Paraguai), Carlos Menem (Argentina) e Luiz Alberto Lacalle (Uruguai).

Uma de suas principais iniciativas foi o Fundo para a Convergência Estrutural do MERCOSUL (FOCEM) em 2007, destinado a financiar programas para promover a competitividade e desenvolver a coesão social, em particular das economias menores e regiões menos desenvolvidas da região.

Com a suspensão temporária do Paraguai em 2012, em razão do impeachment do presidente Fernando Lugo, os outros países-membros aprovaram o ingresso da Venezuela no bloco, que até então havia sido vetado pelo congresso Paraguaio, que se opunha à política externa do chavismo. Os Estados associados ao bloco hoje são Chile, Peru, Colômbia, Equador, Guiana, Suriname, Brasil e Bolívia; o último em processo de adesão como estado-membro.

O QUE É A ALIANÇA DO PACÍFICO

A Aliança do Pacífico é o segundo maior bloco da América Latina, criado oficialmente em 6 de junho de 2012 por Peru, México, Chile e Colômbia. A Costa Rica está em processo de adesão. Assim como o Mercosul, seu intuito é aumentar a integração econômica dos países-membros e, a longo prazo, a livre circulação de bens, pessoas e serviços. Também está entre os objetivos do bloco uma aproximação maior com o continente asiático, fechando a cooperação entre países do Pacífico.

Dentre os acordos mais importantes do bloco se destacam a criação de um visto comum para promover o turismo dentro da região e o estabelecimento de um fundo mútuo de cooperação.

OS LÍDERES QUE FIRMARAM:

Sebastián Piñera (Chile);
Juan Manuel Santos (Colômbia);
Felipe Calderón (México);
Ollanta Humala (Peru).

PERDEMOS LIDERANÇA NA AMÉRICA LATINA, HOJE ATRAVESSADA PELA CUNHA BOLIVARIANA QUE PARTE DA VENEZUELA COM APOIO DE CUBA, ESTENDE-SE ACIMA ATÉ A NICARÁGUA, PASSA PELO EQUADOR, ABAIXO, DESCE DIRETO À BOLÍVIA E CHEGA À ARGENTINA. NO OUTRO POLO, SE CONSOLIDA O ARCO DO PACÍFICO, ENGLOBANDO CHILE, PERU, COLÔMBIA E MÉXICO E NÓS FICAMOS ENCURRALADOS NO MERCOSUL, SEM ACORDOS COMERCIAIS BILATERAIS E, PIOR, CALADOS DIANTE DE TENDÊNCIAS ANTI-DEMOCRÁTICAS QUE SURGEM AQUI E ALI.” - FHC em artigo para o iFHC, 2014. <http://goo.gl/FIJBBI>

MERCOSUL X ALIANÇA DO PACÍFICO

Um é o gigante do continente, mas já velho e desgastado. O outro, ainda menor, vem ganhando cada vez mais destaque com discursos de multilateralidade. Seria, então, a Aliança do Pacífico uma “ameaça” ao Mercosul? Há quem diga que sim, porque a intenção do novo bloco é de expansão de mercados, firmando acordos com os asiáticos e investindo também nos mercados tradicionais, como EUA e União Europeia - o que vinha sendo deixado de lado pelo Mercosul, em suas propostas mais favoráveis a uma união intracontinental.

MERCOSUL	ALIANÇA DO PACÍFICO
Habitantes: 270 milhões	Habitantes: 220 milhões
PIB: US\$ 3,2 trilhões	PIB: US\$ 2,1 trilhões
Tendências burocratizantes e protecionistas	Discurso liberal, aberto e antiburocrático
Fortalecido nos anos 2000, impulsionado pela onda de governos progressistas no continente.	Vem ganhando força nos anos 2010, após desgaste dos governos de esquerda. Alinhamento político conservador
Alinhamento político à esquerda, atualmente desgastado.	Surpreendeu a comunidade internacional pela rapidez na tomada de decisões e no avanço das propostas do bloco.
Apesar de constituir uma união aduaneira, avançou pouco na formação de uma região de total livre circulação, principalmente pelas divergências entre países-membros	Propõe mais adesões de países e eliminação total de medidas protecionistas

HISTÓRICO DOS ACORDOS COMERCIAIS NA AMÉRICA LATINA

1960 - ALALC | Associação Latino-Americana de Livre Comércio (encerrada, substituída pela ALADI)
Membros: Argentina, Brasil, Chile, México, Paraguai, Peru, e Uruguai/

1969 - CAN | Comunidade Andina
Membros: Bolívia, Colômbia, Equador e Peru.

1980 - ALADI | Associação Latino-Americana de Integração
Membros: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, Equador, México, Panamá, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.

1991 - Mercosul | Mercado Comum do Sul
Membros plenos: Argentina, Brasil, Uruguai, Paraguai e Venezuela.

2008 - Unasul | União de Nações Sul-Americanas
Membros: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela.

2012 - Aliança do Pacífico
Membros: Peru, México, Chile e Colômbia.

1.3

O QUE NOS FALTA AFINAL?

A América Latina é um continente completo: população grande, território amplo, com abundância de riquezas naturais. Seu sucesso pareceria uma consequência natural, mas, na prática, a região ainda encontra entraves para seu avanço. Conforme listado pela agenda do Fórum Econômico Mundial de 2014, os obstáculos para o sucesso irrestrito da América Latina se baseiam em três fatores: a falta de diversificação da economia, a baixa competitividade no mercado e o alto grau de desigualdade e violência na região.

Segundo o Fórum Econômico Mundial, é importante que os países incentivem a **desburocratização da economia**, o **aumento de acordos comerciais** com regiões diferentes (dando, como exemplo, a Aliança do Pacífico) e o **incentivo à melhora na infraestrutura**.

Além disso, outros desafios se apresentam na necessidade de aprimorar as políticas de melhoria na distribuição de renda e as de combate ao crime organizado. Para a Unctad - Conferência das Nações Unidas sobre comércio e desenvolvimento (2015), a atual desaceleração das correntes de investimentos estrangeiros diretos devem ser um ponto de atenção para a formulação de políticas de desenvolvimento na região.

Dados: <https://goo.gl/ssWNVj>
<http://goo.gl/omXh70>

2 DESAFIOS DA AMÉRICA LATINA

No geral, as democracias latino-americanas ainda são jovens. Muitos dos países da região foram marcados, no passado recente, por décadas de governos autoritários iniciados a partir dos anos 1950. Muitas vezes apoiados pelos EUA, os regimes militares tinham como principal mote o combate aos ideais comunistas em plena Guerra Fria.

LINHA DO TEMPO DAS DITADURAS

PARAGUAI
1954 a
1989

BRASIL
1954 a
1989

NICARÁGUA
1967 a
1979

CHILE
1973 a
1990

BOLÍVIA
1964 a
1982

ARGENTINA
1966 a
1973 e
1976 a
1983

URUGUAI
1973 a
1985

POPULISMO LATINO

Conceito central para entender a história política da América Latina, o populismo engloba o conjunto de práticas que estabelecem uma ligação direta entre o povo e um líder político do país, geralmente carismático e fortemente apoiado pelas massas. A imagem formada desta liderança suplanta a influência dos partidos, centralizando o ideário de governo em torno de uma figura.

Na história latino-americana, o fenômeno tem como precedente histórico a ação dos chamados caudilhos, comumente heróis de libertação nacional, nos séculos XVIII e XIX. Já o período moderno da atuação de políticos com a característica populista na região foi entre os anos 1930 e 1960, marcadamente em figuras como Getúlio Vargas (Brasil) e Juan Domingo Perón (Argentina).

“O QUE VEJO HOJE EM ALGUNS PAÍSES É UM ANTIAMERICANISMO COM UM RETORNO GRADUAL AO POPULISMO, E NOUTROS MUITA HESITAÇÃO QUANTO AOS CAMINHOS A SEREM SEGUIDOS. O POPULISMO É UMA FORMA INSIDIOSA DE EXERCÍCIO DE PODER QUE SE DEFINE ESSENCIALMENTE POR PRESCINDIR DA MEDIAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES, DO CONGRESSO, DOS PARTIDOS E POR BASEAR-SE NA LIGAÇÃO DIRETA DO GOVERNANTE COM AS MASSAS, CIMENTADA NA TROCA DE BENESSES.”

FHC em artigo para o iFHC, 2006.
<http://goo.gl/wmuAWF>

NEOPOPULISMO

A partir dos anos 2000, a eleição de governos progressistas no continente reviveu a figura popular dos populistas: é o que se chama informalmente de neopopulismo, de líderes carismáticos, com grande aprovação das massas e tomada de medidas de apelo popular. A nova onda populista se nota principalmente em governos como os do casal Kirchner, o de Lula e o de Hugo Chávez.

INTERVENCIONISMO AMERICANO

Sob a égide da Doutrina Monroe, que estabelece a “América para os americanos”, os EUA vêm há quase duzentos anos buscando protagonismo na política e economia do restante do continente. Um exemplo clássico foi a intervenção militar norte-americana no processo de independência do Panamá (1901).

Atualmente, seu intervencionismo se dá mais no âmbito econômico, mas sua falida tentativa de constituir a ALCA (Área de Livre Comércio das Américas), engavetada em 2005, é um claro retrato da construção de uma tentativa de independência da América Latina diante dos EUA. Além disso, blocos econômicos como o Mercosul, mais fechados e “hostis” aos investimentos americanos e europeus, também podem ser tomados como reação aos anos de intervenção.

TEMOS, PORTANTO, CREDENCIAIS DE SOBRA PARA EXERCER UMA AÇÃO MAIS EFETIVA NA CONDUÇÃO DOS NEGÓCIOS DO MUNDO. A HEGEMONIA NORTE-AMERICANA VEM DIMINUINDO PELO FORTALECIMENTO ECONÔMICO DOS BRICS, ESPECIALMENTE DA CHINA, PELA PRESENÇA DA UNIÃO EUROPÉIA E TAMBÉM VEM SENDO MINADA PELAS REBELIÕES DO MUNDO ÁRABE E MUÇULMANO, COMO O PRÓPRIO GOVERNO OBAMA RECONHECE. É NATURAL, PORTANTO, QUE O BRASIL INSISTA EM SENTAR À MESA DOS TOMADORES DE DECISÕES GLOBAIS.”

FHC em artigo para o iFHC, 2010.

<http://goo.gl/mtozd1>

A QUESTÃO CUBANA

Cuba se encontra em um momento importante de sua história. Depois de vários anos, nota-se o começo de um processo de abertura a partir da reaproximação da ilha aos EUA de Obama. Contudo, segundo relatório do Human Rights Watch (2015), o governo continua a reprimir opiniões dissidentes e a desencorajar críticas. Apesar de nos últimos anos ter diminuído o uso de sentenças prolongadas para punição de dissidentes, o número de prisões arbitrárias temporárias de defensores de direitos humanos, jornalistas independentes e outros críticos ao governo tem aumentado.

ALGUMAS MUDANÇAS IMPORTANTES SÃO:

- Em maio de 2016, o governo anunciou que vai legalizar a formação de pequenas e médias empresas, independentes do Estado.
- Em 2014, foi aprovado uma lei de incentivo ao investimento estrangeiro, mas ele ainda é discreto. Na Zona Especial de Desenvolvimento de Mariel, um porto próximo de Havana, foram aprovados 9 de mais de 400 projetos apresentados por empresas estrangeiras em dois anos.
- No turismo, Cuba teve um aumento de cerca de 17% de visitantes em 2015 em comparação com 2014, com um recorde: 3,5 milhões de pessoas visitaram a ilha.
- O acesso à internet ainda é baixo mas começa a mudar. Mesmo com censura no acesso à sites, o governo cubano começou a instalar pontos de wi-fi nas ruas em 2015. Embora o custo seja muito alto — dois dólares a hora —, isso tem permitido que 200.000 cubanos naveguem diariamente.

Fonte: <https://goo.gl/GUc9ES>

BRASIL E DEMOCRACIA

Dentre as iniciativas recentes da esfera política brasileira para fortalecimento da democracia e combate à corrupção estão a Lei da Transparência, que obriga as prefeituras a colocar suas contas na internet, a Lei de Acesso à Informação, que facilita o acesso às informações públicas e dá prazo de até 30 dias para resposta, e a Lei Ficha Limpa, com o objetivo de certificar a idoneidade dos candidatos a cargos políticos.

Recentemente, o Ministério Público Federal (MPF) elencou uma série de propostas para o combate à corrupção, que já começaram a ser avaliadas pelo governo de Michel Temer e pelo congresso. Algumas das mais importantes delas são:

- Manter em segredo a identidade de um delator que colaborar com as investigações, dando maior segurança ao informante.
- Posse de recursos sem origem comprovada e incompatível com a renda do servidor se tornaria crime, com pena de 3 a 8 anos de prisão.
- Punição mínima por corrupção (recebimento de vantagem indevida em troca de favor) passaria de 2 para 4 anos de prisão. Aumentaria também o prazo de prescrição (quando se perde o direito de punir), que passaria de 4 para 8 anos.
- Quanto maior o volume de dinheiro envolvido, maior seria a pena. Até R\$ 80 mil, a pena hoje varia de 4 a 12 anos. Se a propina passar de R\$ 80 mil, a pena seria de 7 a 15 anos. Se for maior que R\$ 800 mil, a prisão seria de 10 a 18 anos. Caso seja superior a R\$ 8 milhões, a punição seria de 12 a 25 anos de prisão.
- Criação de turmas, câmaras e varas especializadas no combate à corrupção no âmbito do Poder Judiciário.

- Instituição do acordo de leniência para processos de improbidade administrativa, o que permite que o infrator participe da investigação com o fim de prevenir ou reparar o dano.

- Responsabilização objetiva dos partidos políticos pelo caixa 2. Com isso, o partido poderia ser punido mesmo se não ficar provada culpa do dirigente partidário, mas ficar comprovado que a legenda recebeu recursos não declarados à Justiça Eleitoral.

- Possibilidade de prisão preventiva (antes da condenação, por tempo indeterminado), caso se comprove que o suspeito mantenha recursos fora do país.

2.2

O PESO DAS DROGAS

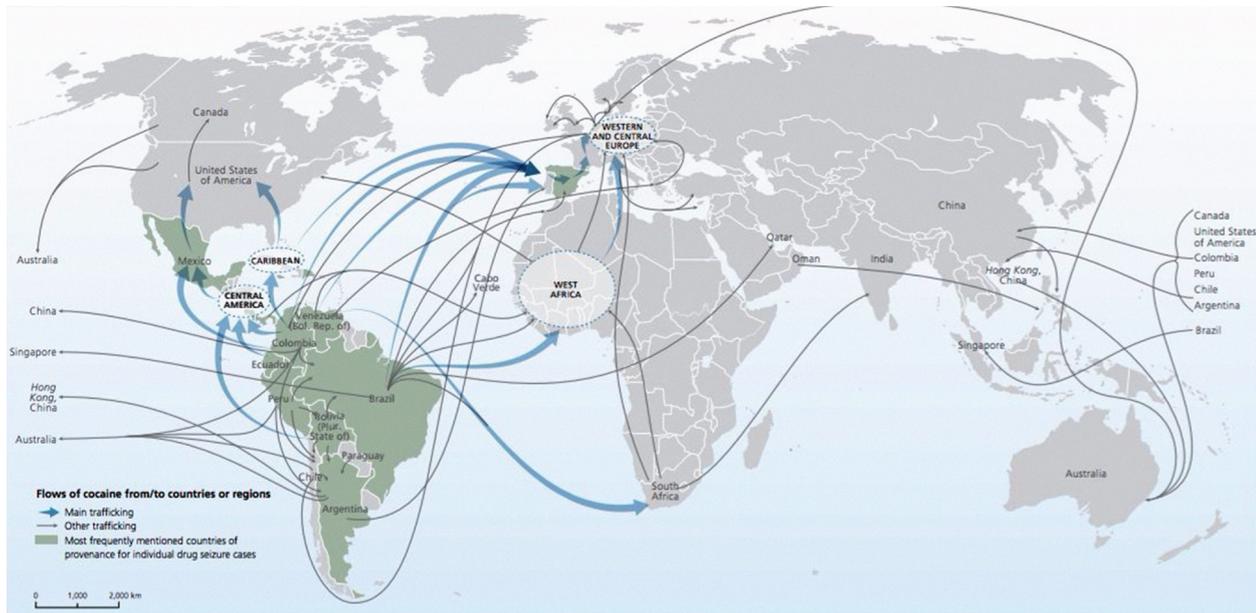
QUANTO MAIS EU E OUTROS LÍAMOS, MAIS CHEGÁVAMOS À CONCLUSÃO DE QUE A GUERRA ÀS DROGAS ERA FALIDA E QUE O OBJETIVO DE ZERO DROGA É INALCANÇÁVEL. NOSSA COMISSÃO LATINO-AMERICANA HÁ UNS TRÊS ANOS LANÇOU UM DOCUMENTO QUE TEVE MUITA REPERCUSSÃO NO MUNDO. O QUE DIZIA ERA MAIS OU MENOS O SEGUINTE: OS RECURSOS ESTÃO TODOS CONCENTRADOS EM DESTRUIR A PRODUÇÃO E COMBATER O TRÁFICO. MAS NADA É FEITO PARA LIDAR COM OS EFEITOS NA SOCIEDADE E EM QUEM USA.” - FHC em entrevista para a Revista Trip, 2011. <http://goo.gl/n0wpQ0>

O narcotráfico é, provavelmente, um dos problemas que mais afetam a América Latina. A região está entre as maiores produtoras de drogas do mundo. A política de guerra contra os narcóticos, presente na vida da região há décadas, é particularmente sangrenta em países como o México, por exemplo. Conta-se mais de 20 mil mortos desde 2006, quando a polícia e os poderosos cartéis entraram em conflito declarado a partir de medidas do então presidente Felipe Calderón. É estimado que o tráfico de drogas seja um dos pilares da economia mexicana, movimentando US\$ 50 bilhões por ano no país.

Dados: <http://goo.gl/CLh1zW>

- Colômbia, Peru e Bolívia são os três maiores produtores de cocaína do mundo. Em 2010, detinham 149 mil hectares de cultivo da droga.
- Atualmente, o Brasil é o principal escoador da droga para o mundo, citado por 56 países como distribuidor.
- Isso ocorre pois a fronteira brasileira tem 15.719 km de extensão e liga o país aos principais produtores de maconha e cocaína do mundo, como Peru, Colômbia e Bolívia.
- O Brasil também já é um dos maiores consumidores de cocaína no mundo: seu uso é de 4 vezes a média mundial.
- Segundo o Relatório Mundial sobre Drogas da ONU há presença de organizações criminosas brasileiras em diversas cidades fronteiriças, que possibilitam a comercialização de drogas e armas.
- Na América Latina, estimativas calculam que havia 3,3 milhões de usuários de cocaína em 2012, ou 1,2% da população à época.
- Apesar disso, dados da ONU apontam que a atual produção de cocaína seja a menor em 20 anos na América Latina.

Dados: <http://goo.gl/mq1PXL>
<http://goo.gl/htqkh2>



COMO A AMÉRICA LATINA PENSA A QUESTÃO:

Nos últimos anos, o discurso do combate às drogas na América Latina mudou de tom. Motivado pelas sucessivas derrotas na guerra contra o narcotráfico, parece haver um consenso de que a tática do conflito direto não funciona mais: não reduziu o consumo e gerou enorme perda de vidas humanas. Pela primeira vez, fala-se em legalização do consumo de drogas e investimento não mais no combate aos traficantes, mas sim na saúde e reabilitação dos usuários. Sob pedidos das lideranças latino-americanas, a ONU abriu, em abril de 2016, sessão especial de sua Assembleia Geral destinada a um novo debate sobre o narcotráfico. Também é objetivo da Unasul promover campanhas e legislações que humanizem o debate sobre o consumo de drogas

Dados: <http://goo.gl/UT4CTv>
<http://goo.gl/5I7PK8>

POLÍTICAS NO BRASIL

A Constituição de 1988 determinou que o tráfico de drogas é crime inafiançável e sem anistia. Em seguida, a Lei de Crimes Hediondos (Lei 8.072/90) proibiu o indulto e a liberdade provisória e dobrou os prazos processuais, com o objetivo de aumentar a duração da prisão

provisória. Já a Lei de Drogas (Lei 11.343/06) eliminou a pena de prisão para o usuário e o dependente, ou seja, para aquele que tem droga ou a planta para consumo pessoal. A legislação também passou a distinguir o traficante profissional do eventual, que trafica pela necessidade de obter a droga para consumo próprio e que passou a ter direito a uma sensível redução de pena.

Entre nós as políticas públicas consequentes de combate ao tráfico e de saúde dos usuários ainda são poucas. Uma das instituições importantes para o combate é o Fundo Nacional Antidrogas (Funad) que é gerido pela Secretária Nacional de Políticas sobre Drogas (Senad). Seus recursos são constituídos de doações, de recursos de qualquer bem de valor econômico, apreendidos em decorrência do tráfico de drogas ou utilizados em atividades ilícitas de produção ou comercialização. Os recursos da Funad são destinados ao desenvolvimento, à implementação e execução de ações, programas e atividades de repressão, de prevenção, tratamento, recuperação e reinserção social de dependentes de substâncias psicoativas.

Mais informações: :
<http://goo.gl/DRC8LM>
<http://goo.gl/drdMn3>
<http://goo.gl/4WCQgy>

2.3

VIOLÊNCIA ENDÊMICA

Um dos maiores problemas enfrentados na América Latina continua sendo os altos índices de violência. A ONU qualifica a situação como epidêmica e considera a região como a mais insegura do mundo.

Diferente do resto do planeta, em que a taxa de homicídios caiu na primeira década do século, na América Latina o índice cresceu em 11% no período de 2000 a 2010.

Em 2014, 165 mil homicídios ocorreram nas Américas, 36% do total mundial.

A taxa média de homicídios na América Latina é quatro vezes maior do que a média do mundo, que é de 6,7 para cada 100 mil habitantes.

9 das 10 cidades mais violentas do mundo em 2016 estão na América Latina, lideradas por Caracas, na Venezuela.

O Brasil tem número expressivo na conta: em 2014, 59.627 mil pessoas assassinadas, taxa de 29,1 mortos para cada 100 mil habitantes. É o país que registra o maior número isolado de casos.

Quatro países apenas - Brasil, Colômbia, México e Venezuela - são responsáveis por 1 em cada 4 mortes violentas anuais no mundo todo.

Entre 2004 e 2014, a população carcerária brasileira aumentou 80% em números absolutos, saindo de 336.400 presos para 607.700. É a quarta maior população carcerária do mundo, indo contra a tendência global de diminuição.

Há superlotação em todas as unidades da federação. A média no país é de 66%. Em Pernambuco, no entanto, essa taxa chega a 184%.

Mais informações:

<http://goo.gl/rRjL8N>

<http://goo.gl/cp2taC>

<http://goo.gl/bfYOG7>

<http://goo.gl/9zVr1A>

<https://goo.gl/JxSPq1>

<http://goo.gl/FhSS6q>

SISTEMA PENITENCIÁRIO NO BRASIL

Hoje, as políticas para evitar o encarceramento em massa no Brasil ainda são escassas. O atual ministro da Justiça, Alexandre Moraes, defende o retorno dos mutirões de julgamento como uma medida para reduzir o número de presos provisórios que ocupam os complexos penitenciários. “Não é possível que alguém fique um ano, dois, às vezes até três anos, preso provisoriamente sem que haja uma decisão judicial”, afirmou recentemente ao Correio Braziliense. Além disso, ele também é defensor de mudanças na legislação para reduzir o número de prisões.

Fonte: <http://goo.gl/THtZxg>

3 A NOVA CARA DA AMÉRICA LATINA

A região enfrenta inúmeros problemas relacionados às suas políticas públicas e a sua realidade econômica. Apesar deles, a América Latina tem força e recursos para avançar nos próximos anos como celeiro de ideias, projetos, líderes e soluções inovadoras. O Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) apontou recentemente que a indústria criativa têm grande potencial na região.

Exemplos de novas iniciativas que já surgem são:

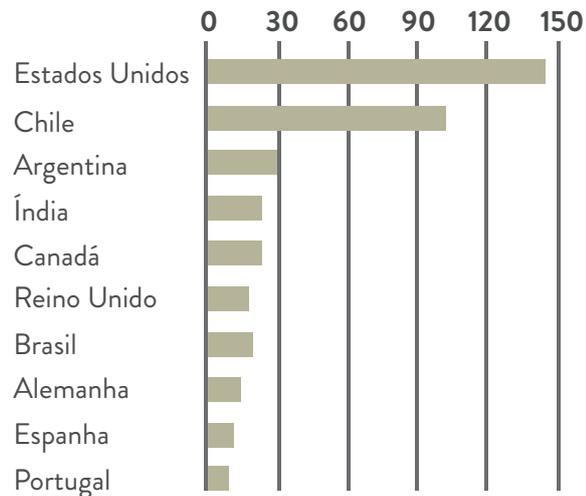
O caso Medellín: a cidade colombiana, palco da grande violência urbana experimentada com os cartéis de drogas dos anos 1990, liderados por Pablo Escobar, hoje é modelo de inovação e qualidade de vida. Em março de 2016, o prêmio Lee Kuan Yew World City selecionou Medellín por seus esforços em mobilidade, meio ambiente e preservação de espaços públicos, políticas impressionantes pela rapidez com que foram desenvolvidas após a guerra urbana contra o tráfico.

Start-Up Chile: desde 2010, o programa vem ganhando destaque por acolher empreendedores do mundo todo, oferecendo visto e financiamento como incentivo para o desenvolvimento de projetos dentro do país. Mais de 500 empresas e 900 empreendedores de 37 países

já participaram do programa. Após essa iniciativa, o país ficou conhecido pelo apelido “Chilecon Valley”, fazendo alusão ao Vale do Silício, lar da inovação tecnológica mundial.

BEM VINDO AO CHILE

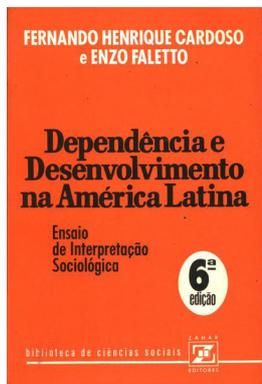
Números de empresas que foram admitidas no Start-Up Chile desde 2010, os dez maiores por país de origem.



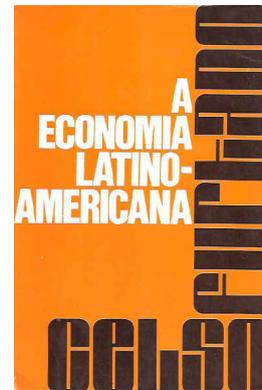
Fonte: Start-Up Chile

Rede de combate à fome: Iniciativa pioneira no mundo, a Organização da ONU para a Alimentação e Agricultura (FAO) criou, no fim de 2015, a primeira rede de distribuição e comercialização de alimentos, aplicada na América Latina. A rede pretende garantir a compra de alimentos da agricultura familiar e redirecioná-los à população carente. A ideia é sincronizar a pequena produção com o abastecimento em nível macro.

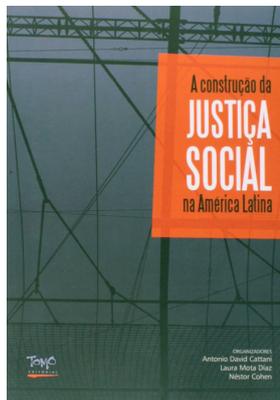
4

INDICAÇÕES
DE LEITURA

DEPENDÊNCIA E
DESENVOLVIMENTO
NA AMÉRICA LATINA
(Fernando Henrique
Cardoso e Enzo Faletto)



A ECONOMIA
LATINO-
AMERICANA,
(Celso Furtado)



A CONSTRUÇÃO
DA JUSTIÇA SOCIAL
NA AMÉRICA LATINA,
(Nestor Cohen)

5 PARA SABER MAIS



A AMÉRICA LATINA SEGUE EM DOIS RITMOS
<http://goo.gl/Fu0ubV>



ACORDOS COMERCIAIS DA AMÉRICA DO SUL:
UNIDADE OU FRAGMENTAÇÃO?
<http://goo.gl/95UNJ5>



OS TRÊS PRINCIPAIS PROBLEMAS ENFRENTADOS
PELA AMÉRICA LATINA
<https://goo.gl/fDZcKt>



ECONOMIA CRIATIVA AMÉRICA LATINA - UNCTAD
<http://goo.gl/TQZ7iU>



INDÚSTRIAS CRIATIVAS TÊM GRANDE POTENCIAL
NA AMÉRICA LATINA, APONTA BID (2016)
<http://goo.gl/3Jdp8L>



FHC SOBRE A PAZ NA COLÔMBIA (2014)
<http://goo.gl/uTK1Ck>



THE LURE OF CHILECON VALLEY

<http://goo.gl/ZJedR8>



FAO: AMÉRICA LATINA E CARIBE CRIAM REDE PÚBLICA PIONEIRA DE ABASTECIMENTO E COMERCIALIZAÇÃO DE ALIMENTOS

<https://goo.gl/fqf8hT>



MEDELLÍN: DA RELAÇÃO COM PABLO ESCOBAR A UM MODELO A SER SEGUIDO

<http://goo.gl/20mgKa>



MY ARCHITECTURAL PHILOSOPHY? BRING THE COMMUNITY INTO THE PROCESS

<https://goo.gl/iGbbZd>



GIANT ESCALATOR INSTALLED IN COLOMBIAN CITY OF MEDELLIN

<http://goo.gl/haxQP9>

6

ARTIGO
FHCESQUERDA E POPULISMO
NA AMÉRICA LATINA

Fernando Henrique Cardoso, Junho de 2006
no Estado de S. Paulo

A julgar pela maioria das análises acadêmicas e artigos publicados sobre as últimas eleições a esquerda teria feito um retorno à cena em grande estilo na América Latina. Esta versão esquemática dos fatos vinha sendo amplamente aceita. Agora surgem interpretações mais sofisticadas da paisagem política.

Jorge Castañeda, que foi Chanceler do México, discerne matizes. Em artigo publicado na revista *Foreign Affairs*, distingue duas esquerdas: uma “tem raízes radicais, mas hoje está moderna e aberta, ao passo que a outra é fechada e fortemente populista”. Para Castañeda, a primeira esquerda, representada por líderes tais como a chilena Michelle Bachelet e o Presidente Lula, seria “boa” e deveria por isto ser fortalecida pela comunidade internacional; já a segunda vertente pouco ou nada teria do ideário de esquerda. Significaria a volta do velho populismo autoritário, representado por figuras como Hugo Chávez, Evo Morales e Néstor Kirchner. Embora veja méritos na análise de Castañeda, acho que o panorama da região é mais nuançado e complexo.

Numa recente entrevista, Kenneth Maxwell, brasileiro britânico, oferece uma perspectiva mais abrangente e menos alentadora. Para ele, “a esquerda não é uma categoria que possa ser muito útil ou adequada” para interpretar a realidade atual. Muito menos se poderia falar com propriedade de uma esquerda “errada” e de outra “certa”: o Presidente Lula, por exemplo, teria passado da categoria de esquerda “errada”, ainda em 2002, para converter-se à esquerda “certa” nos últimos anos (para muitos, digo eu, perdendo mesmo qualquer referencial de esquerda). O que estaria ocorrendo na América Latina seria uma crise de governabilidade, sem produzir um movimento uniforme na direção da esquerda. Na região há, em cada país, um “mosaico de respostas específicas a estruturas políticas decadentes e aos cada vez mais altos níveis de desigualdade social e exclusão social”.

Concordo com a visão de Maxwell. É na história das transformações sociais, políticas e econômicas de cada país, bem como nas opções ideológicas escolhidas por seus líderes, que devemos buscar a explicação do que está ocorrendo. Mas, penso eu, a distinção entre esquerda e direita continua útil para a análise. Embora a esquerda atual não insista no controle coletivo dos meios de produção e reconheça o dinamismo das forças de mercado, o ideal de uma sociedade mais igualitária e de ampliação dos canais de participação da sociedade civil permanece como um critério para o alinhamento político. Assim como me parece certo que a esquerda atual rejeita a ideia do partido-dinamo, força quase exclusiva da mudança social, e afasta as tentações de diminuir a importância do Estado de direito e das instituições representativas em benefício da mobilização das massas.

Para mim o governo de Michelle Bachelet representa o que hoje se deve chamar de esquerda. Quarta Presidente eleita no Chile pela “Concertación Democrática”, aliança essencialmente de dois partidos tradicionais, o Socialista e o Democrata-Cristão, que foram rivais no passado, mas têm sido capazes de se renovar para dar continuidade e rumo ao Chile, dirige um país que exibe boas taxas de crescimento econômico, respeito absoluto ao Estado de Direito, aumento da participação popular e implementação de políticas de redução da pobreza.

Em contraste, os Presidentes Hugo Chávez, da Venezuela, e Tabaré Vázquez, do Uruguai, representam, conquanto de forma bem distinta, fenômeno justamente oposto ao do Chile: a falência do sistema político tradicional, num caso e, noutro, o cansaço do eleitorado com os partidos tradicionais, embora sem ruptura do sistema político. Tabaré Vázquez é o primeiro Presidente eleito em muitas décadas que não pertence aos Partidos Blanco ou Colorado, que governavam há mais de cem anos. Seu governo tem oferecido políticas públicas prudentes e sensatas, bem como anunciado sua intenção, surpreendente, de aproximar-se economicamente dos EUA. Chávez, ao contrário, faz da retórica antiamericanista sua principal bandeira aglutinadora das massas. Declara-se um “outsider” da política tradicional, sem filiação partidária, um militar cujo poder aumenta com referendos e plebiscitos convocados ao sabor dos acontecimentos e da conveniência política. O que há de esquerda em Chávez, com seu discurso anti-americano que contrasta, na prática, com a postura realista de vender o petróleo venezuelano ao País do Norte?

O Presidente Evo Morales da Bolívia é um caso distinto. A crise de governabilidade é crônica na Bolívia. O ineditismo da situação é que Morales pode reivindicar autênticas ligações com os movimentos étnicos. Pela primeira vez o eleitorado escolheu um Presidente indígena, este é o verdadeiro significado de sua eleição. Importa secundariamente se ele é

de esquerda, de qual esquerda, eventualmente de direita, ou se é populista em seus métodos e em sua retórica. É inegável que a forma que escolheu para nacionalizar os ativos das empresas estrangeiras que exploram gás e petróleo na Bolívia, com fanfarra e ocupação militar, dão sinais de um populismo ultrapassado. Se ficar nisso, não fará o que a História espera dele: que negocie com energia mas sem insensatez, os recursos naturais da Bolívia para melhorar a vida do povo. Se, com uma atitude objetiva levar mais investimentos e reduzir a pobreza, o povo o reconhecerá como um dirigente à altura dos desafios simbólicos e práticos de seu país.

O Presidente Kirchner é peronista, como o “neoliberal” Carlos Menem dos anos 90 e o Presidente Eduardo Duhalde, mais recentemente. De novo cabe a pergunta: o que há de esquerda no Peronismo que sobrevive à morte, há mais de 30 anos, de seu fundador, Juan Perón, que encarnou como ninguém o populismo latino-americano?

Não consigo enxergar, nesses casos, uma reviravolta à esquerda na América Latina. Fosse o Chile o exemplo, ou mesmo o Uruguai de Tabaré Vázquez, caberia o qualificativo. O que vejo hoje em alguns países é um antiamericanismo com um retorno gradual ao populismo, e noutros muita hesitação quanto aos caminhos a serem seguidos. O populismo é uma forma insidiosa de exercício de poder que se define essencialmente por prescindir da mediação das instituições, do Congresso, dos Partidos e por basear-se na ligação direta do Governante com as massas, cimentada na troca de benesses.

A ameaça do retorno do populismo à América Latina e, mais especificamente à América do Sul, não trará escolhas fáceis ao Brasil e ao governo atual. Havíamos concebido a integração econômica e política da América do Sul, nos anos 90, com base nos princípios da democracia política e da economia de mercado. O exercício da integração econômica facilitaria nossas respostas ao desafio da globalização. Todo este edifício pode ter suas bases solapadas se o populismo voltar à região, travestido de esquerdismo, trazendo consigo o jogo de rivalidades antigas e muitas vezes pessoais em lugar da cooperação institucional entre Nações.

FHC - Sonhos Possíveis e Ideias de Transformação é um Programa desenvolvido pela Rogatis para trabalhar na formação da nova liderança nacional. Esse conteúdo e suas marcas são de titularidade exclusiva da Rogatis e os quais integram o Programa. Seu uso é autorizado e permitido exclusivamente aos seus participantes.